

MERCADO DE CRIPTOATIVOS

INFORME SETORIAL

‘O mercado de criptoativos está amadurecendo’

Executivo que lidera a operação da OSL na América Latina destaca o Brasil como referência para consolidar mercado.

O Estado de S. Paulo.

A regulação do mercado vai permitir que as gestoras enxerguem as criptomoedas como opção.

Os anos prósperos da última década foram os grandes responsáveis pelo amadurecimento do mercado de criptomoedas. O cenário macroeconômico antes da pandemia era de expansão monetária nos principais mercados. A realidade aumentou o apetite ao risco entre os investidores, na época. E foi nesse momento que as moedas digitais, em especial o bitcoin, entraram no radar das alocações.

Em 2022 o cenário mudou. Os recentes anúncios do aumento da taxa de juros e problemas de solvência de algumas criptomoedas criaram uma onda de pessimismo. O bitcoin, maior criptomoeda em valor de mercado, já foi negociado abaixo dos US\$ 20 mil, depois de ter atingido o recorde histórico de US\$ 68 mil no ano passado. Porém, o processo de consolidação dos criptoativos não deve parar, prevê Guilherme Rebane, head para a América Latina na OSL, companhia asiática de ativos digitais com sede em Hong Kong.

Segundo ele, as moedas digitais já comprovaram ao mercado, em especial aos investidores institucionais, o seu potencial de retorno. O que está em “jogo” atualmente é a expansão da oferta de produtos relacionados às criptomoedas. “A gente não fala mais de preço. O interesse já existe”, diz.

O Brasil é um dos países mais importantes no processo de consolidação. Para ele, o País é referência mundial na sofisticação de criptoativos em virtude da presença de corretoras focadas nessa classe e em produtos atrelados às moedas digitais negociados na Bolsa. Confira os principais trechos da entrevista:

Qual é a diferença do Brasil para o mercado cripto nos Estados Unidos?

Quando falamos de investidores institucionais, há públicos (presentes) nos EUA que não existem em grande quantidade no Brasil, como os hedge funds, trading groups e players que operam em alta frequência. Mas temos mais de uma dezena de fundos de criptomoedas que os americanos ainda não têm. Temos os ETFs (fundos de investimento negociados em Bolsa que replicam o desempenho de um índice de referência).

O mercado cripto é considerado de alto risco. Por que os investidores institucionais decidiram entrar?

Nos últimos 14 anos, houve uma enxurrada de recursos para o mercado com base em uma política de expansão monetária do Banco Central norte-americano (o Federal Reserve, Fed). Isso criou a necessidade de os investidores buscarem diversificação. Começaram, então, a buscar ativos de maior risco. Ativos digitais apresentam alta volatilidade, que está associada a uma expectativa de retorno maior. Simultaneamente, há um movimento pela digitalização dos serviços, e a propagação de ativos digitais se adequa perfeitamente ao novo comportamento, do século 21.

Estamos vivendo o século da transformação digital e, provavelmente, a década da digitalização do dinheiro.

A entrada de investidores qualificados trouxe uma “consolidação” do mercado cripto?

Trouxe e vai trazer ainda mais. Muitas instituições financeiras começaram a ter planos de longo prazo. Há um amadurecimento da indústria como um todo. Hoje tenho convicção de que nenhuma instituição financeira deixará oferecer ou ter exposição no horizonte de curto prazo (de 2 a 3 anos).

Como está o Brasil nesse processo?

O Brasil é referência. Temos um BC pró-inovação que tem trabalhado para ter o real digital e diversos grupos tentando encontrar usos relacionados ao real digital. O País é top 4 do mundo e está no mesmo nível dos EUA. As exchanges (plataformas de negociação) globais querem vir para o Brasil a todo custo.

A criação de fundos criptos na B3 trouxe o amadurecimento desse mercado no País?

Temos diversas instituições financeiras que já anunciaram que no curto e no médio prazos vão oferecer infraestrutura, produto e exposição aos clientes nessa classe de ativos. A partir dessa infraestrutura, abrem-se portas de forma exponencial para novos produtos. E, a partir do momento que você tem uma regulação, o mercado poderá entender até onde pode ir. Quando isso acontecer, as gestoras vão enxergar os ativos cripto como objeto de alocação. Haverá um salto grande.

A queda do preço do bitcoin, no momento, pode interromper o amadurecimento das criptomoedas?

Acho que não. A gente não fala mais de preço. O interesse já existe. A grande questão está em grandes players do mercado oferecerem produtos aos clientes. Se o

negócio valia US\$ 70 mil e agora vale US\$ 20 mil, o cliente já tem um retorno esperado no horizonte. Então, para quem entrou, há a percepção de que está barato.

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 501 – Em 05 de julho de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.